

GOGOL E O ROUBO DO CAPOTE DA BURGUESIA RUSSA

André A. Gazola

Um profundo sentimento social, uma preocupação com os humilhados e injustiçados e até certa piedade com aqueles pobres coitados para quem a vida deu as costas. Assim podemos definir o realismo de Nicolai Vassiliévitch Gogol em sua obra de arte *O Capote*.

Apesar de satirizar sua própria trajetória como funcionário do Estado ao mesmo tempo em que alerta sobre a péssima estrutura política e social do país, o intuito de Gogol não tem cunho revolucionário, ele é acima de tudo um patriota que reivindica soluções amistosas para os problemas de sua pátria¹. É exatamente através do tom satírico de suas obras que verificamos isso, pois além de ser um ponto que o diferenciava dos demais autores russos do século XIX, também revela que seu ideal não é político nem social, mas sim nacional.

O autor, que é considerado o pai da literatura russa - como bem disse Dostoievski “descendemos, todos nós, do Capote” - reuniu em sua obra os elementos que caracterizaram sua abordagem objetiva sobre os fatos, unida a uma grande preocupação social. Desta forma, pode-se enquadrá-lo no movimento artístico e literário do Realismo, como destaca Cademartori:

A literatura produzida passa a apresentar as características das concepções em voga nesse período: busca da objetividade, crê na razão e preocupa-se com o social. A essa tendência, oposta ao idealismo romântico, dá-se o nome de Realismo, estilo que pretende fixar-se no real e no homem comum, assoberbado por problemas prosaicos e rotineiros.²

Todavia, o texto em questão insere-se no gênero de conto realista fantástico, utilizando-se, portanto, de elementos que extrapolam a razão, compreendendo artifícios de cunho sobrenatural:

O rumor espalhou-se súbito por Petersburgo segundo o qual o espectro de um funcionário aparecia de noite nas redondezas da ponte Kalinkine. Sob o pretexto de recuperar um capote roubado, o espectro tomava dos transeuntes de qualquer condição seus capotes. [...] ³

¹ Apesar de ter nascido na Ucrânia, Gogol considerava-se e escrevia como cidadão russo.

² CADEMARTORI (1987, p. 44)

³ GOGOL, Nicolai Vassiliévitch. O Capote. In: __. *O Capote /e/ O Retrato*. Porto Alegre: L&PM, 2000. p. 45.

Analisando os elementos que compõe o texto, deparamo-nos de súbito com seu protagonista, Akaki⁴ Akakiévitch, o perfeito modelo de trabalhador alienado pelo sistema mecanicista que envolve o homem do século XIX: sem nenhuma perspectiva de futuro, sem importar-se com os prazeres da vida, apenas mergulhado na rotina de seu trabalho, desempenhando as tarefas que lhe cabiam:

Voltando para casa, ele se colocava de imediato à mesa, engolia sua sopa de couve acompanhada com um pedaço de carne acebolada. Engolia esta mistura sem perceber que gosto tinha, juntamente com as moscas e todos os complementos que o bom Deus se dignara acrescentar conforme a estação. Quando sentia o estômago suficientemente estufado, ele se levantava, tirava de uma gaveta um vidro de tinta e copiava documentos trazidos do escritório. Caso o trabalho acabasse, ele fazia cópias para seu próprio prazer, preferindo, em luar de peças interessantes pela beleza do estilo, aquelas que eram endereçadas a personagens recentemente nomeados ou colocados nos escalões mais altos.⁵

Relaciona-se a este comportamento o recente advento da Revolução Industrial, que impregna o contexto histórico da época. Assim, Akaki também se torna um modelo de submissão e indiferença, caracterizando-se como alvo perfeito para a elite da época, que vê o ser humano como uma máquina de produção.

Verifica-se, ao mencionar-se o termo *elite*, que já está estabelecido o conceito de hierarquia em meio a esse sistema. Aqueles que ocupam altos postos nessa pirâmide possuem o poder de controlar e menosprezar os que se encontram abaixo, aumentando assim o grau de submissão dos que compartilham uma posição como a de Akaki.

A péssima situação daqueles trabalhadores é muito bem ilustrada através do conflito principal que aparece na parte inicial da história: a necessidade da compra de um novo capote. Ao receber a notícia de que precisaria adquirir um novo casaco, o protagonista entra em desespero por ter plena consciência de que seus rendimentos, somados às suas economias, nunca seriam suficientes para arcar com tamanho custo:

A partir de então, convencido de que não poderia passar sem um casaco novo, Akaki Akakiévitch sentiu sua coragem abandoná-lo. Onde encontrar o dinheiro necessário? Estava esperando uma gratificação para as festas, mas ela já estava antecipadamente destinada a outros fins. Precisava comprar uma calça, pagar o sapateiro por um velho remendo, encomendar três camisas e dois pares destas peças íntimas cujos nomes seria inconveniente colocar em letras de fôrma.⁶

⁴ O nome Akaki deriva da palavra grega *Akakios* e significa, sem o prefixo de negação “a-”, demônio/maldade (“*Kakia*”). É um nome de cunho religioso que está entre os dez mais comuns entre os monges ortodoxos do oriente.

⁵ GOGOL, Nicolai Vassiliévitch. O Capote. In: __. *O Capote /e/ O Retrato*. Porto Alegre: L&PM, 2000. p. 14-15.

⁶ Idem, p. 24.

Sem ter outra opção, procura reduzir ainda mais suas despesas, suas necessidades mais básicas e os custos mais insignificantes são cortados: deixa de tomar chá, não acende a vela à noite e anda na ponta dos pés para não gastar a sola dos sapatos, tudo com intuito de economizar para a compra de seu novo capote.

No entanto, vale destacar que apesar da humilhante situação em que se encontra, Akaki tem agora um ideal a ser alcançado, um objetivo que faz sua existência adquirir sentido. A compra do capote não é um fato por si só, mas uma forma de analogia e, simultaneamente, sátira em relação ao significado da vida daqueles que estão submetidos ao sistema social da época, em que um fato tão banal pode representar um fator de suma importância para um pobre trabalhador:

Como ele sonhava sem parar com seu futuro casaco, este sonho foi para ele alimento suficiente, embora imaterial. Mais ainda: sua própria existência ganhou em importância. Sentia a seu lado como que a presença de um outro ser, algo como uma companhia amável que houvesse consentido em percorrer com ele os caminhos da vida.⁷

Utilizando o termo de Dostoiévski⁸, podemos classificar Akaki como um genuíno *anti-herói*. Um personagem quase sem consciência de seus atos, não articulado, praticamente um fantoche nas mãos do narrador. “A proposta artística de Gogol foi exatamente articular estas desarticulações”⁹.

Não vemos em Akaki aquela coragem, aquela determinação e vontade própria que percebemos em personagens como Édipo de Sófocles e Macbeth de Shakespeare ou ainda a convicção mórbida que faz Werther, de Goethe, desistir de sua vida. O protagonista de *O capote* simplesmente espera que a sorte de cada acontecimento decida como deve prosseguir sua existência.

O próprio nome escolhido por Gogol - Akaki Akakiévitch -, deixando-se de lado a análise religiosa que trouxe diversas especulações sobre o cunho hagiográfico da obra, desempenha um papel estético que se relaciona ao personagem. A repetição da mesma palavra: Akaki Akakiévitch e do fonema “k”, denunciam a passividade do protagonista, o processo de repetição e rotina de sua vida.

Outro aspecto estético que se pode citar é o ambiente com clima extremamente frio. Ele não apenas torna inerente a necessidade de um novo capote, mas também auxilia na construção de um cenário onde as relações entre as pessoas são de uma frieza similar ao

⁷ Idem, p. 25-26.

⁸ (1994, p.201)

⁹ BROMBERT (2001, p. 24)

ambiente, onde tudo é impessoal e reinam a tristeza e o desamparo. Este artifício foi utilizado recentemente na obra de Orhan Pamuk ¹⁰, *Neve*.

Contudo, a característica passiva de Akaki representa uma antítese à personalidade do autor. Gogol, como já foi dito, busca compreender e solucionar os problemas que vê na sociedade em que vive e, para isso, acaba utilizando-se de seu protagonista de forma a criticar os sistemas burocráticos e hierárquicos vigentes.

O roubo do capote representa fatores que vão desde o fracasso do próprio autor como funcionário do sistema público da Rússia, até a censura do pensamento e capacidade de realização daqueles trabalhadores, que estavam submetidos a regras que não podiam sequer questionar:

“Ah, meu senhor, exclamou ele no tom mais cortante, onde acredita estar? Desconhece a tal ponto os procedimentos adequados? O senhor deveria antes de mais nada apresentar sua demanda ao funcionário de serviço. Este deveria transmiti-lo na boa e devida forma ao chefe da repartição, o chefe da repartição ao chefe da divisão, o chefe da divisão ao meu secretário, o qual afinal o submeteria à minha apreciação.” ¹¹

Apesar da morte de Akaki, o conflito não se resolve. É exatamente a partir daí que se inicia a vingança de *Kakia*¹². O fantoche adquire agora vontade própria e tem apenas um objetivo: recuperar o seu capote. Rouba um atrás do outro, aproveita-se dos policiais que não o ajudaram, mostra quem é que manda para aqueles que o menosprezaram.

Nicolai Gogol constrói o desfecho com o que se pode chamar de *acusação satírica*. Akaki encontra o homem que o desprezou exatamente quando este ia cometer adultério. Seu capote é roubado pelo fantasma e, metaforizando, todo o sistema de repressão, de controle, de burocracia e hierarquia cai por terra. Derrotados por apenas um daqueles que estiveram em suas mãos, mas humilhados sobremaneira por um grito de liberdade proferido pela grande massa que não mais suporta as regras ridículas que regem seus atos.

Neste ponto, vemos claramente como Gogol reúne em sua obra elementos capazes de denunciar os problemas sociais de seu país sem, contudo, comprometer o enredo da história, como destaca Antonio Candido:

Literatura e sociedade são vistas como estruturas complementares, sendo a obra literária compreendida como a sublimação de dados sociais filtrados esteticamente. Daí uma consequência fundamental – ela deve ser estudada pelo crítico como objeto estético, não como documento ou reflexo da realidade, sem ignorar, porém as conexões com esta. ¹³

¹⁰ Prêmio Nobel de Literatura de 2006.

¹¹ GOGOL, Nicolai Vassiliévitch. O Capote. In: ___. *O Capote /e/ O Retrato*. Porto Alegre: L&PM, 2000. p. 41.

¹² Ver nota número 2

¹³ CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: ___. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 1-15.

Portanto, aquele sistema no qual milhares de funcionários eram vistos como máquinas de produção, executando as mesmas tarefas dia após dia, sem nenhuma perspectiva de vida e privados da capacidade de pensar – característica principal que difere o homem dos animais irracionais – precisava ter um fim.

Vemos, assim, que a contrário do que muitos pensam Gogol não era um revolucionário. Foi o precursor do Realismo na Rússia, aquele que antecedeu autores como Dostoievski, Babel, Gorki e Tolstoi, mas buscava, acima de tudo, a solução para os problemas que invadiram sua pátria.

REFERÊNCIAS

BROMBERT, Victor. Gogol's "The Overcoat" – The meanings of a downfall. In: __. *In Praise of Antiheroes: Figures and Themes in Modern European Literature*. University Of Chicago Press, v.01, nov. 2001. p. 24-30.

CADEMARTORI, Lígia. Realismo. In: __. *Períodos Literários*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 43-48.

CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: __. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 1-15.

DOSTOEVSKY, Fyodor. Notes from Underground. Vintage; Reprint edition. ago. 1994.

KELM, Mirian. Nicolai Vassílievitch Gogol: Disponível em: <http://www.ufrgs.br/proin/versao_2/capote/index45.html>. Acesso em: 16 jun. 2007.

PAMUK, Orhan. *Neve*. Trad. Luciano Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CARPEAUX, Otto Maria. História da Literatura Universal: Disponível em: <<http://www.pdg.com.br/nikolai/otto.htm>> . Acesso em: 30 jun. 2007.

HISTÓRIA DA RÚSSIA. In: WIKIPEDIA a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_R%C3%AAssia>. Acesso em: 30 jun. 2007.

RÚSSIA. In: WIKIPEDIA a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%AAssia>>. Acesso em: 30 jun. 2007.